

FUMAÇAS COLORIDAS PARA IDENTIFICAÇÃO

Pelo General de Brigada ALDEN H. WAITT

Traduzido do n.º de junho do "Infantry Journal" pelo 1.º Ten. João B. Santiago Wagner.

"O desenvolvimento das fumaças coloridas sugere-nos que o complicado problema da identificação de unidades terrestres pelas forças aéreas pode ser considerado quasi resolvido".

Quartel General Aliado, Africa do Norte. — Despachos da linha de frente indicam que a visão do "eixo" — ou alguma outra coisa — está falhando. Um despacho informa que uma consideravel formação de aviões Stuka alemães realizaram, ontem, por engano, um "ataque particularmente pesado" contra seus próprios tanques na frente Norte da Tunísia. Soldados britânicos que observavam o espectáculo externaram sua esperança de que os resultados fossem bons.

A identificação dos tanques amigos fez surgir um problema que muito tem preocupado as forças blindadas e aéreas. E' extremamente difícil estabelecer um sinal distintivo que torne imediatamente conhecido da força aérea amiga que o veículo em terraé um dos seus próprios e não um inimigo e que, ao

mesmo tempo, não ofereça um alvo fácil para as armas e bombas inimigas.

No começo de 1940 a Comissão de Produção da Força Blindada tomou a si a resolução deste premente problema. A mais simples solução parecia ser uma grande cruz, círculo ou outra figura geométrica pintada de branco ou amarelo de um lado ou na parte superior do veículo. Chegou-se à conclusão de que o amarelo poderia ser visto desde as maiores distâncias. Ao mesmo tempo, por outro lado a grande cruz amarela se destacava como um perfeito ponto de referência e muito efetivamente frustrava as tentativas de camuflagem.

Provas feitas no Fort Knox mostraram que o distintivo pintado podia ser visto em terra muito antes que os contornos dos próprios tanques pudessem ser distinguidos. Observei certo número de provas em 1940 e 1941 e recordo-me como as pinturas se destacavam tão logo aparecesse um veículo, ao longe, detrás de uma colina ou de um bosque.

Era óbvio que haveria mais perigo em usar este sistema de identificação do que deixar o tanque sem pintura e ficar sujeito a que o mesmo fosse bombardeado não só pelos seus próprios aeroplanos, como também pelos do inimigo.

Varios outros processos foram tentados, mas nenhum teve sucesso. Bandeirolas sinalizadoras, "Very lights" e tambores de fumaça foram experimentados e rejeitados. Considerou-se que as fumaças coloridas deviam resolver o problema. Infelizmente o Exército, nessa época, não tinha sinais de fumaça colorida que fossem práticos, nem tão pouco estava tomando qualquer providência que pudesse solucionar o caso.

Consequentemente o Serviço de Guerra Química do Exército foi chamado para criar um tipo de munição que produzisse uma fumaça de cores variadas, facilmente distinguíveis. As características militares foram estabelecidas e o trabalho começou de acôrdo com o projéto.

Alguns meses mais tarde as primeiras granadas estavam prontas para a prova e os resultados foram coroados do mais completo êxito. O resultado foi um pequeno petrecho de tama-

nho e forma de uma granada de mão ordinária que podia produzir fumaças de sete côres distintas e brilhantes — vermelho, alaranjado, amarelo, azul, verde, violeta e preto.

O General Patton, que deveria em breve partir para a Africa do Norte com seu grupamento tático, mandou alguns de seus oficiais por via aérea até Edgewood para testemunhar uma prova das fumaças coloridas. Elas foram observadas não só de terra como de grandes altitudes. A prova mostrou que era possível diferenciar as cores umas das outras, mesmo a 10.000 pés de altura, sem dificuldade. O amarelo era especialmente brilhante e mais fácil de ser distinguido.

O General Patton imediatamente fez um pedido de vários milhares delas afim de fornece-las às suas tropas o mais breve possível e quando sua força deixou o porto, conduziu o suprimento requerido das ditas granadas.

O emprêgo da fumaça colorida ainda não foi plenamente estabelecido em seus detalhes, mas é possível antever-se muitas aplicações, sem dificuldade. Para a sinalização entre o ar e a terra pode ser estabelecido um código com um número quasi infinito de combinações e, si outra variação fôr necessária, uma granada com fumaça branca pode ser adicionada às sete já mencionadas. Veículos blindados ou outros podem levar hoje azul e amarelo e, amanhã, quando o código mudar, verde e vermelho. Se um condutor de veículo tem que se identificar, basta retirar o grampo da granada e lançá-la fóra. A fumaça produz-se dentro de três ou quatro segundos da cápsula da granada ser ferida e dura cerca de três minutos.

Os postos de comando podem ser identificados pelos aviões amigos por meio de várias cores. Por exemplo, o P. C. de uma divisão pode ser revelado por duas colunas de fumaça violeta, enquanto outro poderia ter uma coluna de preto e de alaranjado. Os aviões, no ar, podem trocar sinais entre si, por meio de um código de cores. Com um dispositivo de paraquedas, as granadas podem ser lançadas de aviões de observação afim de identificar alvos para a artilharia ou objetivos para o ataque de forças blindadas. Uma zona a ser atacada do ar

pode ser demarcada com uma côr ou outra para os aviões atacantes que se aproximam. Esta fumaça poderia estar contida em petrechos maiores que pudessem queimar durante mais tempo, ou então, lançada por meio de bombas de artilharia. As côres deveriam mudar diariamente afim de confundir o inimigo.

A' noite, quando as cores não podem ser utilizadas, podemos utilizar-nos de um substitutivo. A granada M-14 de termita produz uma intensa luz branca — uma luz tão intensa, que pode ser vista de alturas superiores a 3.000 metros. Neste caso, o código pôde variar de acôrdo com o número de granadas ou pelo emprêgo de desenhos geométricos dispostos no chão.



Companhia Constructora Nacional S. A.

End. Teleg. "Cimentarme"

Matriz: Rio de Janeiro - Rua Mexico, 168 - 12.º pav.

Filiais:

São Paulo

Bahia

Porto Alegre

Curitiba



ESCOLA MILITAR — REZENDE